

## Centenário de nascimento de Paulo Freire

*Geraldo Balduino Horn  
Edinei Marcos Grison*

Este ano comemoramos um marco histórico para a educação: o centenário do nascimento de Paulo Freire! Motivo de grande júbilo e de reflexão. Júbilo pelo que a visão pedagógica freiriana representa para a educação e para a emancipação das classes marginalizadas. Reflexão porque ler e pensar com Paulo Freire exige de nós um deslocamento de “lugar”, isto é, obriga-nos a sair da zona de conforto de análises abstratas, descomprometidas e dissociadas das contradições sociais nas quais estamos imersos/as.

A prática social é uma condição *sine qua non* para a perspectiva epistemológica freiriana (chave de leitura), sendo também um pressuposto fundamental para a formação cultural e política das pessoas. É nesse sentido que a “leitura de mundo precede a leitura da palavra”. Não é possível ensinar (educar) sem considerarmos a vida do/a educando/a, de sua realidade concreta, de seu universo sociocultural. Os conteúdos da pedagogia freiriana são selecionados (mapeados), desse modo, a partir da leitura de mundo do/a educando/a. Essa perspectiva epistemológica se contrapõe à prática tradicional de ensino massificado, domesticado, que visa a adaptar e conformar os sujeitos ao *modus operandi* da sociedade hodierna.

As ideias de Paulo Freire apontam para o desenvolvimento contínuo de libertação da existência humana frente à dominação imposta pelo modelo social vigente – o capitalismo. Os neoconservadorismos reacionários, os autoritarismos de toda ordem, os desmandos, os desmontes do estado de direito, vividos no Brasil nos últimos anos, mostram a existência de uma expertise cruel de interferência destrutiva no desenvolvimento da formação da consciência crítica, da liberdade e da criticidade. Negar a formação das pessoas, como repetidamente tem sido feito, é absolutamente arbitrário, porque significa negar a apropriação da linguagem e do conhecimento necessário para a compreensão das contradições sociais do paradigma capitalista em que vivemos.

A educação transforma-se em um ato político quando enfatiza a liberdade como produto histórico. Não se trata apenas de um conceito. Não há educação sem liberdade, nem liberdade sem educação.

Educação como prática da liberdade significa tomar consciência das condições existenciais, históricas e materiais da opressão. A educação como ato político é um exercício constante de busca de conhecimentos por meio do diálogo aberto, que oportuniza o reconhecimento de si e do outro, e a tomada de cons(ciência) dos mecanismos que subjazem a relação entre opressor e oprimido.

O centenário de Paulo Freire revivifica a necessidade de um resgate da natureza coletiva nas formas de pensar e de agir. Desse modo, a pedagogia dialógica indica a urgência de uma escola democrática e cultural, tecida como a antítese da realidade autoritária vivenciada hoje no Brasil. A educação brasileira urge por uma pedagogia problematizadora, apoiada na curiosidade, criticidade e criatividade dos sujeitos da aprendizagem.

Celebrar Paulo Freire e sua obra pedagógica reacende, dessa forma, a necessidade de luta incessante por políticas educacionais de inclusão das classes pobres e marginalizadas. Ao mesmo tempo, é necessário manter, sem trégua, a luta contra todo e qualquer tipo de opressão existente na sociedade.

Esta edição do Jornal “O Sísifo”, de abril de 2021, apresenta como tema central a importância da obra de Paulo Freire para uma educação transformadora. A primeira matéria, Paulo Freire mais do que nunca! Por quê? de Walter Kohan, oportuniza ao leitor refletir sobre a atualidade da proposta freiriana como crítica da realidade opressora, especialmente no Brasil. Na matéria seguinte, Ivo Dickmann, em Pedagogia do centenário: o desafio é reinventar Paulo Freire! discute a pedagogia do centenário e a tarefa de reinventar Paulo Freire. Em seguida, Giselle Moura Schnorr apresenta a matéria Unidade na diversidade: teimosia do menino que faz 100 anos, na qual mostra a insistência com que Paulo Freire retratou o mundo com persistência, curiosidade, teimosia e amorosidade de um menino que neste ano completa 100 anos. Dando continuidade, Maria Aparecida Zanetti, em Reflexões sobre algumas críticas à Paulo Freire, mostra que o intelectual Paulo Freire foi/é alvo de constantes críticas de natureza ideológica, inclusive com adjetivações negativas e torpes. Para a autora, o problema não está na crítica, mas sim na forma como a crítica é feita. Por fim, Pâmela Bueno Costa nos presenteia com uma poesia que traz o esperançar como tema central.

## Paulo Freire mais do que nunca. Por quê?

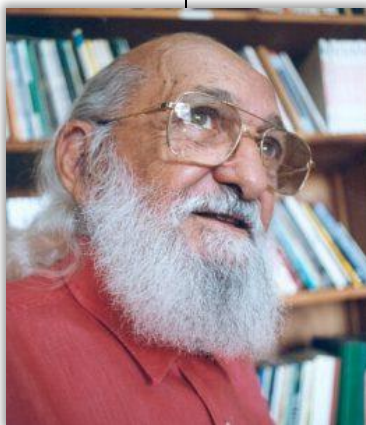
*Walter Omar Kohan*

Vivemos em tempos de horror, de desprezo pela vida, especialmente por vidas que estão marcadas, excluídas, violentadas, descontadas por causa de sua raça, gênero, classe social, cultura. No Brasil, o governo federal pratica uma política da morte exagerada, grotesca e arrepiante. O armamentismo e o descaso com a pandemia são apenas duas fases da mesma política. Nesse contexto, por que é mais importante do que nunca ler e pensar com Paulo Freire? Por várias razões.

A primeira é porque esse mesmo governo negacionista, insensível e incapaz de lidar com a pandemia declarou Paulo Freire seu inimigo. Paulo Freire, o mesmo que o Congresso nomeou em 2012 Patrono da Educação Brasileira; que recebeu doutorados honoris causa em mais de quarenta universidades do mundo inteiro, premiado pela UNESCO e tantas outras organizações do mundo inteiro. Como em 1964, um governo ditatorial pretende expulsar Paulo Freire, um educador, da realidade educacional brasileira. Ditaduras não gostam de educadores do povo nem de povo letrado.

Segundo, porque afirmou firmemente que a educação é um ato político e porque não apenas afirmou essa relação, mas tentou colocá-la em prática de diversas formas e em diferentes contextos, em particular em realidade de profunda desigualdade, como o Brasil de nossos dias. De modo que em dias como hoje que temos mais do que nunca necessidade de problematizar essa realidade política sua figura é atualíssima.

Terceiro, porque Paulo Freire nos ajuda a pensar um tempo necessário para a educação. O tempo contido na expressão "mais do que nunca" parece um tempo óbvio, porque se "nunca" é a ausência total de tempo (zero tempo), "mais do que nunca" seria qualquer tempo: um segundo, um minuto, um ano, até uma décima de segundo, qualquer quantidade de tempo seria mais do que zero tempo. Contudo, a expressão "mais do que nunca" parece aludir a um tempo mais significativo que qualquer outro tempo; algo assim como: "neste tempo como em nenhum outro tempo".



Quarto, por Paulo Freire ter sustentado a igualdade como um princípio pedagógico irrenunciável, o que significa que todas as vidas são igualmente aprendentes, que todas as vidas têm igual poder para aprender e viver. Em sociedades tremendamente desiguais como as nossas, a igualdade educativa opõe-se a discursos da incapacidade e da deficiência, os que afirmam coisas tais como: "não são capazes", "não nasceram para isso", "não estão preparadas". Ao contrário, para Paulo Freire qualquer pessoa pode aprender qualquer coisa

se lhe forem oferecidas as condições para fazê-lo, e esta é uma dimensão insubstituível da tarefa política da educação: rejeitar o discurso da incapacidade ou da impotência e afirmar a igual potência dos seres humanos sem importar sua idade, classe social, gênero, etnia.

Quinto, por ele ter afirmado o amor como uma força generativa, vital para expandir, enriquecer, tornar a vida mais bela e justa. É um amor pelas pessoas que participam do ato educativo, mas também pelo mundo, pela vida, pela posição que ocupamos quando educamos. Esse amor vive da diferença, a expande; é uma espécie de esperança de que, através de uma educação problematizadora, um outro mundo pode sempre nascer; um mundo com outra forma, um mundo novo. É, por tanto, um amor por um outro mundo menos injusto e mais bonito que o atual.

Sexto, pela errância que afirmou no duplo sentido de vidas educativas que valorizam positivamente o equivocar-se e o caminhar como forma de vagabundear, andarilhar, mover-se pelo mundo... sem antecipar um destino para esse caminhar docente. Ambas formas de errar são importantes e o trabalho docente diz respeito a transformar essas duas formas de errar em oportunidades de aprendizagem e de ensino para todas e todos.

Finalmente, a importância de Paulo Freire tem a ver com a sua relação com a infância, a sua extraordinária infantilidade ou meninice. Paulo Freire mostrou que a infância não é apenas algo a ser educado, mas algo que educa. Por isso a politicidade da educação é também uma forma de relação com a infância: não se trata apenas (ou sobretudo) de preparar as pessoas para deixar uma infância, mas de estarmos atentos e atentas a ela, escutá-la, cuidar dela, mantê-la viva, vivê-la nas crianças e também em nós, adultos.

Mas o que é a infância? Pensar a infância exige pensar o tempo. Há mais de uma infância assim como há mais de um tempo: há uma infância que passa no tempo que passa. É a infância dos anos de idade que para todos os adultos é algo próprio do passado, já vivida. É a infância cronológica, a dos estágios de desenvolvimento, o futuro mais próximo do nascimento, que é medido pelo relógio, o calendário, o número de anos, a idade, a quantidade de tempo vivido, as fases ou etapas da vida. Essa é a infância que educamos, dizemos nós, para uma sociedade melhor, para formar os “cidadãos do futuro” nas instituições que criamos para isso, com seus privilégios e dessabores.

Mas existem outras infâncias e, dentre elas, uma outra infância, assim como existe um outro tempo. Uma infância que é precisamente uma forma de habitar o tempo, muito diferente da forma adulta. Porque, assim como há um tempo que passa, há um outro tempo que não passa. Assim como há uma forma de pensar, sentir e habitar o tempo com números e quantidades e de organizá-las em partes (como passado e futuro e o presente no meio deles) há uma outra forma que tem mais a ver com intensidades, qualidades e ardores. É o tempo, por exemplo, do brincar, que vivemos tão intensamente na infância, e que nos faz sentir, quando brincamos, como se o tempo não passasse, como se o tempo fosse puramente presente, sem passado nem futuro. É também o tempo da experiência da arte, do amor, do pensamento, da pergunta. Assim, amar exige suspender e esticar o presente ou, dito de outra maneira, existe um outro tempo quando amamos com essa intensidade infantil; pois não se pode amar infantilmente olhando para o relógio assim como não se pode brincar ou criar ou perguntar “por quê?” cronometrados por minutos ou segundos. Só se ama no presente, como só se brinca no presente. Se aquela primeira infância, cronológica, é a que educamos em nossas instituições, essa outra infância, do tempo presente... essa infância que Paulo Freire cuidou até seus últimos dias é também um modo de viver o tempo é a que nos educa, educa a nós educadores e educadoras, pedindo-nos que estejamos presentes no presente. Pede-nos que habitemos a educação como um ato de presença para além da passagem do tempo cronológico, das horas e dias. Essa infância convida-nos a educar presentes no presente.

#### **Para ampliar estas ideias:**

KOHAN, Walter Omar. **Paulo Freire mais do que nunca**. Uma biografia filosófica Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

---

## **Pedagogia do centenário: o desafio é reinventar Paulo Freire**

---

*Ivo Dickmann*

Nesse ano do centenário de Paulo Freire muito se tem escrito e falado sobre sua pedagogia, suas contribuições para a Educação no Brasil, na América Latina e também no mundo, pois nosso maior educador, patrono da educação brasileira, tem sido lido como nunca depois dos ataques rasos que vem sofrendo dos neoconservadores, temos visto um tempo de reavivamento de suas obras, de redescobrimto de suas contribuições para a Educação Popular, para a educação básica e o ensino superior.

Paulo Freire e sua obra são informatáveis, transitam de uma visão ingênua de nacional-desenvolvimentismo (postura assumida por ele mais tarde) na crença de que era preciso alfabetizar para contribuir na urbanização do país nos anos de 1950-1960, para um acento no materialismo histórico-dialético, amalgamado com um humanismo cristão que gerou um inédito pensamento político-pedagógico embasado na amorosidade e rigorosidade no que se refere à leitura de classe e relação dialógica entre educadores e educandos.

Mais tarde, num processo intensivo de releitura de si mesmo, Freire se aproxima das questões mais emergentes do seu tempo no Brasil dos anos 1990. Levanta-se contra o neoliberalismo que se instala na política nacional, se horroriza com a matança do índio por jovens de classe média, se coloca na defesa do direito à propriedade por parte dos agricultores sem-terra, se une com outros educadores latino-americanos em defesa da vida no planeta contribuindo na criação da Ecopedagogia. Torna-se, sem sombra de dúvidas, um cidadão do mundo, um educador sem fronteiras, capaz de dialogar sobre qualquer tema que lhe fosse instigado, enfim, é um clássico da educação. Podemos ser contra ou a favor de Freire, mas se queremos gastar a vida com Educação, temos que passar por ele.

Se tudo isso que acabei de elencar é verdade, então estamos numa encruzilhada como freirianas e freirianos: enquanto uns/umas se dedicam a seguir seus ensinamentos e fazer educação no chão da escola, na universidade ou nos espaços de educação popular, outros se desafiam a cumprir um de seus pedidos mais reiterados aos seus leitores: se quiser me seguir, não me siga, me reinvente.



Para mim, essa é a vocação a todos/as nós nesse ano do centenário: reinventar Paulo Freire. Esse chamado à reinvenção é difícil, mas é possível. Cada um/uma precisa fazer uma análise do contexto pedagógico que atua e encontrar formas de reinventar o mestre no seu cotidiano educativo. Isso se faz adequando nossa didática na perspectiva freiriana, utilizando o diálogo como princípio epistêmico-metodológico, trazendo o entorno da escola/universidade para dentro da sala de aula, produzindo novos conhecimentos comprometidos com a transformação da realidade, utilizando a dinâmica dos círculos de cultura como orientação da práxis educativa, entre tantos outros aspectos da pedagogia freiriana.

Por fim, penso que nesse centenário de Paulo Freire precisamos agir mais de forma coletiva, ser mais solidários na luta e defesa dos direitos dos profissionais da educação, especialmente nesse tempo de pandemia onde precisamos reinventar nossa prática pedagógica do dia pra noite – e conseguimos – tentando a todo custo não transformar as aulas online em uma educação bancária. Se transpomos todas essas barreiras, me sinto um esperançoso e em processo permanente de resistência, acreditando que reinventaremos Paulo Freire, cada um/uma a seu modo, fiéis ao legado e já nos prepararemos para os próximos cem anos que virão. Um grande abraço e força na luta!

---

## Quer saber mais? Conheça algumas obras de Ivo Dickmann

---

Didática Freiriana

<https://doi.org/10.17648/educare.v13i28.18076>

Paulo Freire - método e didática:

<http://pf.contato.site/metodoedidatica>

Pedagogia do ser mais

<http://e-books.contato.site/sermais>

365 dias com Paulo Freire

<http://e-books.contato.site/365dcpf>

Primeiras palavras em Paulo Freire:

<http://pppf.contato.site/pppf3ed>

---

## Unidade na Diversidade: teimosia do menino que faz 100 anos

---

*Giselle Moura Schnorr*

Escritos do andarilho do óbvio (Passeti, 1998, p. 09-22) me fazem companhia a algumas décadas, assim como tentativas de praticar, reinventando sempre, sua pedagogia libertadora. Escolhi nestas linhas dizer algumas palavras sobre este menino em seu centenário, destacando sua teimosia amorosa acerca da unidade na diversidade. Paulo Freire menino sonhou ser cantor e como educador cantarolou pelo mundo a utopia da humanização convivendo com a diversidade de povos, gentes e culturas. Sofreu e compreendeu a lógica das estruturas políticas, econômicas e sociais reprodutoras das desigualdades e sacou que o projeto desumanizante é colonial-capitalista-burguês.

Viu e insistiu que mudanças estruturais estão implicadas com transformações educativas-culturais, que estimulem o pensar autêntico, pois como diz Simone de Beauvoir, citada em Pedagogia do Oprimido, (1987, p. 60), os opressores pretendem “é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime”. Consciente de que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa insistiu no processo dialético-dialógico em favor da ética universal do ser humano que como inacabado, epistemologicamente curioso, busca a realização de ser mais. Nos convocou ao retorno a coletividade, no exercício do direito à palavra (1987, p. 78). Conectivo e propositivo construiu uma filosofia da educação para libertação, do aprender e apreender com os outros processualmente.

Sua meninice brincante, curiosa e amorosa, não o fez menos político. Denunciou a educação bancária, sectarismos de direita ou de esquerda, contra as formas de massificação. Trabalhou incansavelmente em favor da educação que desacomoda, pois “a descolonização das mentes é mais demorada que a expulsão física do colonizador” (1985, p. 111). Costurou diálogos por onde andou e teceu livros como testemunhos de pensamentos e de vida. Ouviu críticas, algumas acolheu, como sobre a linguagem sexista após diálogos com feministas norte-americanas (1999, p. 66-67). Antiautoritário concebeu a utopia na unidade entre denúncia da ordem desumanizante e anúncio de inéditos viáveis, na unidade na diversidade como política radical de reinvenção do poder.

O momento da sociedade brasileira é de dor, tristeza, angústia. Tentamos sobreviver num país mergulhado em desigualdades sociais, com racismo e

sexismo institucionalizados, com desmonte do Estado democrático de direitos, com negacionismo da ciência e com genocídio se efetivando com políticas negligentes quanto a preservação da vida no contexto da pandemia por COVID 19. Rer Paulo Freire em meio a tudo isso é buscar oxigênio para respirar esperanças num tempo de asfixias.

O mundo agoniza e é urgente a Unidade na Diversidade entre os esfarrapados do mundo, na união contra todas as opressões, fundamentada na boniteza da briga, de reinvenção de si e do mundo. Unidade na Diversidade, na qual diferentes dialogam e se nutrem mutuamente contra forças antagônicas desumanizantes, evitando dois caminhos perigosos nas lutas que se pretendem progressistas: o sectarismo mecanicista de que a categoria classe social explica todas as formas de opressão e o perigo da armadilha de que apenas lutas e políticas identitárias, esvaziadas da dimensão de classe, podem mudar o mundo.

*Não vejo como, no Brasil, por exemplo, possamos manter separadamente grupos feministas, grupos de negros, de índios, de operários, não importa de que, lutando em favor de uma sociedade menos malvada. Cada grupo lutando por sua própria conta. A unidade na diversidade é uma imposição da luta mesma. Os dominadores sabem isto muito bem. Daí que seja deles uma das regras mais antigas: dividir para governar. [...] Nossa tendência assim é dividir nossas forças lutando entre e contra nós mesmos em lugar de lutarmos contra o inimigo comum (Freire, 2012, p. 112)*

A luta contra a impossibilidade de ser, contra as violências, por justiça social e superação das desigualdades só será vitoriosa na realização do óbvio: a Unidade na Diversidade e esta é uma luta antirracista, antissexista e de classe. Unidade na diversidade é reinvenção do poder e da luta (1985, p. 76). Por fim, reacender a esperança e nos mobilizar em tempos de obscurantismo é, também, reaprender, se pôr em dúvida, retomar perguntas essenciais e fazer um novo caminho, sempre, pela liberdade na diversidade.

#### Referências

- FAUNDEZ, Antonio; FREIRE, Paulo. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Política e Educação**. São Paulo: Editora Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- \_\_\_\_\_. **À sombra desta Mangueira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- PASSETTI, Edson. **Conversação Libertária com Paulo Freire**. São Paulo: Editora Imaginário, 1998.

## Reflexões sobre algumas críticas à Paulo Freire

*Maria Aparecida Zanetti*

2021, ano de comemoração ao Centenário de Nascimento de Paulo Freire. Com uma obra vasta, é conhecido e renomado em todo o mundo. Em 2012, Freire foi oficialmente declarado Patrono da Educação Brasileira. Recebeu 29 títulos de doutor *honoris causa* de universidades da América e da Europa, além de prêmios de organizações como a UNESCO e a OEA.

Este intelectual brasileiro, no entanto, tem sido alvo de críticas de cunho ideológico, com adjetivações negativas, inclusive torpes. Mas, então, não se pode criticar Paulo Freire?

Cortella (2021), em uma entrevista, diz: “Paulo Freire jamais seria contra que alguém contra ele fosse. O que ele seria contra é que quem contra ele fosse não pudesse ser contra ele”, porque ele defende a democracia, o diálogo como princípio das relações humanas. Freire “não escreveu para gerar unanimidade, por que as suas ideias têm lado.”

Tem lado, é política e, por isso, ele construiu uma Pedagogia do Oprimido, que emerge e se constrói com os oprimidos, num profundo processo de Ser Mais, de desabilitar os opressores e, portanto, em oposição a uma pedagogia do opressor, que Freire chamou de educação bancária, antidialógica, hierarquizada, de silenciamentos e alienação. Como a educação para Paulo Freire tem lado, vemos gestar-se a antipatia (para dizer o menos) com o lado que ele coerentemente assumiu, identificado com o pensamento de esquerda.

Freire afirma em seu livro *Política e Educação*, o direito de criticar, mas o dever de não mentir ao criticar. Freire critica aqueles e aquelas que, sem tê-lo lido, o criticam, assumindo críticas de outros. A leitura e o estudo de um autor exigem uma postura crítica e aberta, radical e não sectária, exige disciplina e rigor, além da paixão de conhecer. Todo o intelectual ao ser lido, precisa ser contextualizado no tempo e espaço de sua produção. Portanto, podem ser perversas, as críticas que pretendam se estender à totalidade de sua obra, sem tê-la lido. Esta postura, porém, não implica que não se leia o que sobre ele foi escrito.

No livro *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*, Freire responde a algumas críticas feitas a ele por conta de sua Pedagogia. Cartas de mulheres americanas foram enviadas a ele, ressaltando a contribuição do livro para a sua luta, porém criticando, com justa indignação, a linguagem machista e discriminatória

para com as mulheres. Nas reflexões que fez, reconhece o seu débito para com elas. Reconhece o quanto a linguagem tem de ideológico. E, a partir de 1970/71, passa a referir-se sempre à mulher e ao homem ou aos seres humanos. Entende, porém, que o fato de mudar-se a linguagem machista ou autoritária não muda radicalmente o mundo, mas que a mudança da linguagem também faz parte do processo de mudança do mundo.

Outra crítica, respondida por Freire, refere-se àquela que diz causar estranheza a não referência dele às classes sociais ou, sobretudo, a não afirmação da luta de classes como motor da história. É estranho ainda, para os críticos, que o autor utilize o conceito de oprimido, considerado vago por alguns, ao invés de usar classes sociais. A isto Freire responde que parece impossível, empresários e trabalhadores, após lerem a *Pedagogia do Oprimido*, ficarem confusos e concluírem, os primeiros que são trabalhadores e não podem continuar a usufruir a “mais valia” e os segundos, que são empresários e hesitem, por isso, no seu direito à greve.

O caráter de classe no pensamento de Freire, não o fez sectário, dogmático, sisudo e nem o levou a situar em segundo plano o indivíduo nas lutas pela transformação da sociedade. O indivíduo não pode ser reduzido a mero reflexo das estruturas socioeconômicas, daí a importância que ele imprime à conscientização. A consciência de classe oprimida passa antes ou concomitantemente pela consciência de mulher e homem oprimida(o).

Ainda nesta perspectiva, alguns consideram vago o seu conceito de povo. Ao que ele responde, contextualizando-o, a partir de um texto lido em 1981 de uma operária paulista, que pergunta “Quem é o povo?” e responde: “É quem não pergunta quem é o povo.”. Em sua abordagem, ao longo do livro *Pedagogia da Esperança* e em outras obras, Freire reconstrói o conceito de povo, considerando as contradições entre as classes sociais, porém não as reduzindo a uma análise mecânica e exclusivamente econômica. Compreende-as a partir da contradição de projetos históricos de sociedade e de como realizá-los. Assim, povo constitui-se de sujeitos históricos que compartilham uma mesma utopia - elaborada a partir da unidade na diversidade - e que eticamente buscam realizá-la, visando construir um mundo justo e livre, em que cada pessoa seja respeitada em sua humanidade, em sua construção por Ser Mais.

Em tempos de desesperanças, como algo concreto, com razões históricas, econômicas e sociais, Paulo Freire nos lembra que a “esperança só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia.” E que a esperança é um imperativo existencial e histórico.

## Pâmela Bueno Costa

Podemos mudar o mundo?!

Podemos, pois a linha reta não sonha.

Esperançar.  
teoriz(ação)

Pedagogizar com ação e amor: é um ato de coragem.

Como escrever uma pedagogia da esperança em um contexto marcado pela “desesperança”?

Paulo Freire escreve a *pedagogia da esperança* em um contexto sombrio e desesperador.

E nos ensina: “A esperança faz parte de mim como o ar que respiro”.

A esperança precisa de uma *práxis*. Esperançar, pois é preciso: - “ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia”.

Amar, pois é preciso.  
 Libertar, pois é preciso  
 Revolucionar, pois é preciso.  
 Sonhar, pois é preciso.  
 Educar, pois é preciso.  
 Alfabetizar, pois é preciso.  
 Contar, pois é preciso.  
 Dialogar, pois é preciso.  
 Transformar, pois é preciso.  
 Resistir, pois é preciso.  
 Agir é preciso!  
 Mudar  
 Romper  
 Reconstruir  
 Reconstruir  
 Quantas vezes  
 preciso for.

E assim, educar: é intervir no mundo.

**Esperançar:** a teoria como prática de liberdade!

**É possível se reinventar e transformar o mundo.**

### Participe do Jornal

ENVIE SEU ARTIGO PARA  
[jornalsisifo@gmail.com](mailto:jornalsisifo@gmail.com)

Editores: Geraldo Balduino Horn Alexsander Machado